

SLOAN HARLOW

tudo
o que
nunca
dissemos

*O Dark Romance
mais aguardado do ano*

SECRET
SOCIETY

Butterfly^{en}

'batəflaɪ





Chelonia purpure

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso

Depressão e trauma

Famílias disfuncionais

Gaslighting

Grooming

Luto e perda

Misoginia

Negligência

Violência de gênero

Violência doméstica

Violação de privacidade

AVISO DE CONTEÚDO

Este livro pertence a uma subcategoria do romance, chamada dark romance. Como tal, aborda temas mais adultos e que podem ser sensíveis para algumas pessoas.

Esta história confunde as linhas do consentimento, da privacidade, e da confiança em relações, bem como romantiza alguns comportamentos problemáticos. O objetivo não é normalizar estas atitudes, mas sim usá-las ficcionalmente para contar uma história e fazer-nos pensar.

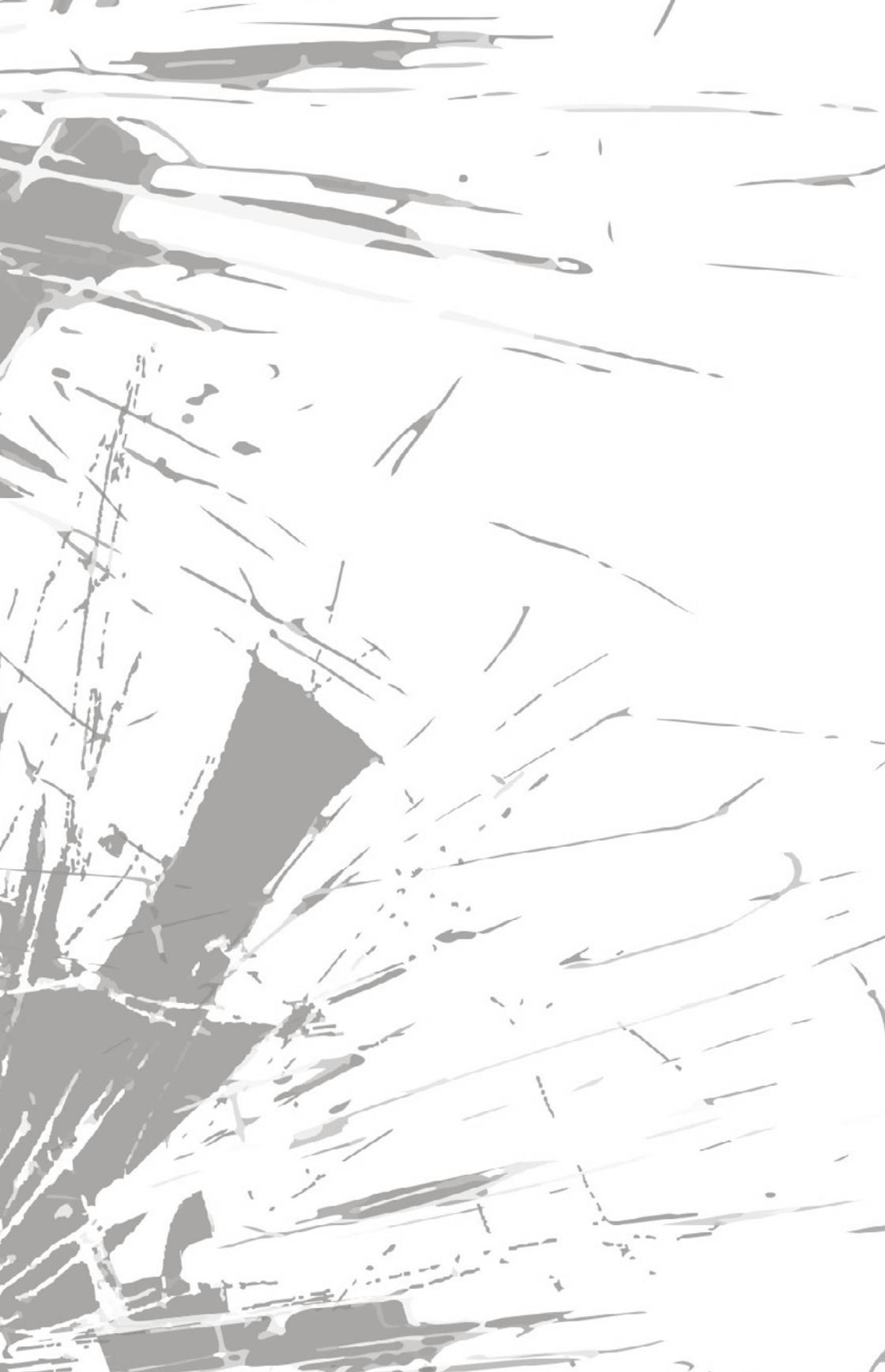
Consulta com atenção os trigger warnings no início do livro e põe sempre a tua segurança psicológica e emocional em primeiro lugar.

Boa leitura... and take care!

Inês Martins

A Executive Seeker da Secret Society

*A todas as Hayleys e Ellas no mundo, e a qualquer pessoa
que alguma vez se tenha sentido perdida e só.*



capítulo 1

ella

Ondas carregadas de chuva atacam a janela do meu quarto, e os relâmpagos e trovões de uma tempestade típica do estado da Georgia rasgam esta manhã de segunda-feira. Estou acordada há horas, a ouvir o vento uivar, a imaginar que um vendaval rodopiante destrói a minha parede e me leva daqui.

O chão range do lado de fora do meu quarto. Consigo ver a sombra da mãe a mover-se atrás da porta. A madeira geme sob os pés dela. É o som da indecisão. Bater ou não bater à porta do quarto da filha?

A mãe vai-se embora, as suas pisadas retiram-se de volta para o seu quarto.

Não bater, aparentemente.

Há um ano, ela teria irrompido pela porta e eu teria ouvido uma descompostura por ainda estar debaixo dos lençóis. Há um ano, o silêncio dela teria sido inconcebível. Mas há um ano, tudo era diferente. Eu mereço este silêncio, pesado com uma pedra à volta do meu pescoço. E, com esta penitência, atiro os lençóis para trás e faço o impossível: preparo-me para o primeiro dia como finalista na Escola Secundária de North Davis.

Embora pareça ter sido noutra vida, ainda me lembro de como estava stressada no primeiro dia do 11.º ano. Nenhuma

quantidade de óleo de argão poderia livrar-me da humidade da Georgia e alisar o meu cabelo preto frisado. A maquilhagem cat-eye, que parecera tão femme fatale na noite anterior, agora dava a impressão de que eu queria fazer a cidade de Gotham refém, com gás hilariante.

Em pânico, enviara uma selfie por mensagem à minha pessoa favorita do mundo, com a legenda Ajuda.

A resposta da Hayley fora imediata. «Estás a gozar? Estás hot AF. Vem cá depressa e eu ajudo com o cabelo. Os verões da Georgia são peanuts para o meu alisador.»

Mas hoje?

Hoje, visto a primeira coisa em que os meus dedos dos pés tocam no chão do quarto: as mesmas calças de ganga que usei ontem (e no dia antes desse e no dia antes desse) e uma sweatshirt cinzenta, manchada com molho da semana passada. Não me consigo lembrar da última vez que me olhei ao espelho.

A dor abriu um desfiladeiro entre mim e aquela rapariga estúpida de há um ano, cujos maiores desastres eram um eyeliner mau e cabelos rebeldes. Como eu a odeio.

As saudades que tenho dela.

Ao voltar a caminhar pelos corredores da Escola Secundária de North Davis, sinto que regresso não como a Ella, mas como a Sombra da Ella, um fantasma vivo de uma rapariga. Este pensamento parece um corte de papel no meu coração. Eu queria *ser* um fantasma. Talvez assim pudesse expandir-me através dos reinos e ainda conseguir falar com a Hayley. Dizer-lhe as coisas importantes.

Como o facto de o Albert Wonsky ter ficado com o cacifo dela. Ela gemeria e diria algo como, *Por favor, por favor salva as minhas fotos do Pedro Pascal antes que o meu marido fique afundado em porno animé*, e eu teria rido e dito, *Lamento, demasiado tarde*.

Dir-lhe-ia que a mozza continua lá. Aquela, de quando pontapeei um cacifo depois de ter um 16 a Latim. Tal como a mozza que ela fez mesmo ao lado dessa.

— Para negação plausível — dissera ela.

— Não é o que isso quer dizer — eu dissera de volta.

Dir-lhe-ia que ainda há cera cor-de-rosa de vela de aniversário no recanto junto à sala de música. Aquele em que eu e o Sawyer Hawkins nos agachámos, a sorrir loucamente, e de onde saltávamos com balões e um pequeno cupcake para gritar «Parabéns!».

Sawyer.

O nome dele parece uma mão a torcer o meu estômago. Não posso pensar nele hoje. Já é demasiado. Se o fizer, a minha caixa torácica vai estalar de novo.

E é por isso que este é o preciso momento em que o Sawyer aparece. Ali está ele, ao fundo do corredor, uma torre ao lado do Mike Lim, enquanto discutem algo que faz a cara atraente do Sawyer abrir-se num sorriso torto.

Atinge-me com tanta intensidade que tenho de parar de andar. Encosto-me a uma parede e agarro os meus livros com tanta força que a palavra CÁLCULO ficará provavelmente gravada no meu esterno durante dias.

Como se conseguisse sentir a minha presença, de repente, o Sawyer olha de relance na minha direção. Eu paro de respirar. Pela primeira vez desde o funeral, estou a ver os olhos castanhos e meigos do Sawyer.

Só que não há nada de meigo no olhar que ele me lança.

O Sawyer, o único rapaz que alguma vez conheci que celebrava os meses de namoro com pequenas prendas perfeitas, que nos abasteceu alegremente com pipocas e Sprite durante toda uma maratona de *Twilight* quando a Hayley estava adoentada, que adorava a minha melhor amiga tanto como eu...

Esse Sawyer fulmina-me agora com um olhar tão furioso que eu tenho imediatamente vontade de vomitar.

Eu sabia. *Ele culpa-me.*

Eu devia manter o olhar. Devia deixar que o julgamento dele me queimasse. É o que mereço por aquilo que lhe roubei a ele. A ela.

Mas em vez disso, viro costas, engolindo o choro, pronta para correr pelo corredor, para fora da escola, talvez para sempre. Mas acabo por esbarrar diretamente no professor Wilkens.

— *Ufa!* Calma aí, furacão! — O psicólogo da escola cambaleia para trás, as suas mãos agarrando nos meus ombros para me impedir de cair.

— Céus, lamento *muito* — consigo dizer, mortificada.

— Não, não, Ella, não há problema. Eu estou bem. — Ele baixa o queixo, tentando fitar-me nos olhos. — Ei. *Ei.* Fico feliz por nos termos cruzado. Como estás?

Encolho os ombros, sem confiar na minha voz.

— Assim tão bem, hã? — O professor Wilkens costuma estar barbeado, mas hoje tem uma barba de três dias. Os seus olhos tipicamente azuis-claros parecem esfumados, como a cor de nódoas negras. Talvez ele seja um daqueles psicólogos que se importa de facto com os alunos. Talvez também esteja triste esta manhã.

É um pensamento bom.

— Ella — diz ele —, eu sei que hoje é um dia difícil. E espero que saibas que estou aqui para ti — Ele parece querer dizer mais, mas a campainha toca, interrompendo-lhe os pensamentos. — Ah, salva pelo gongo — Ele ri-se. — Não te atrases para a aula. Falamos em breve, OK?

Observa-me enquanto me afasto, com preocupação a franzir-lhe a testa. É tão simpático da parte dele preocupar-se.

Quer ajudar. *Não se dê ao trabalho, professor Wilkens — devia dizer-lhe. Poupe o seu esforço e tempo para alunos que não sejam causas perdidas. Alunos que o mereçam.*

Alunos que não mataram as suas melhores amigas.



Durante todo o dia, tento ser invisível. Tento ignorar os olhares de acusação e os olhares fixos de compaixão, cheios de pena. Mas é impossível. Quando passo por um monte de raparigas junto ao bebedouro, elas ficam em silêncio. Em Inglês, uma rapariga com quem não falo desde a escola primária, Seema Patel, inclina-se e oferece-me um pacote de Sour Patch Kids.

— Achei que podias precisar.

E quando estou junto ao meu cacifo, antes do almoço, sou rodeada de pessoas que esperara evitar o dia todo: o pessoal de antes. Ou o que resta dele. A Nia Wiley, a Beth Harris, a Rachael Evans e o Scott Logan aparecem junto ao meu ombro. A ausência do Sawyer é notória. Mas não há nenhum buraco que se possa comparar ao mais óbvio, do tamanho de uma cratera.

Estes são os amigos da Hayley, na verdade. A Nia e a Beth corriam com ela, a Beth e a Rachael namoram desde o 7.º ano e o Scott é como uma lapa que não dá para desgrudares de ti, por muito que se tente — meio alívio cómico, meio adolescente arrogante. A Hayley levou-me para o grupo e, sem ela aqui, o centro abate-se. Mais uma semana a evitar os telefonemas deles e serei arremessada para a minha própria órbita, o que deixará toda a gente muito mais à vontade.

Mas, por agora, a Beth atira os braços em volta do meu pescoço.

— Onde tens andado, Ella? Fiquei tão preocupada quando não disseste nada! Eu liguei-te, tipo, todos os dias este verão!

A Nia estica o braço para soltar suavemente a Beth de mim.

— E, tal como *eu* disse, eu provavelmente também não teria atendido se tu me ligasses todos os dias, a toda a hora.

A Nia abana a cabeça, lançando-me um olhar apologetico, e a Beth faz beicinho, encostando-se para trás, contra a Rachel.

— Só queríamos saber como estavas, Ella. Quer dizer, além do óbvio.

— Sim, temos saudades tuas. — A Rachael faz um pequeno sorriso, a Beth acena em concordância. A Nia dá uma cotovelada ao Scott, que está atrás delas a franzir para o seu telemóvel.

— Sim, Ella, idem, estamos mesmo aqui para ti. — Os olhos do Scott só se descolam do telemóvel durante meio segundo.

A Nia fita-o furiosamente e depois vira-se para mim, o seu olhar a suavizar-se:

— Miúda. Como estás?

A Beth e a Rachael parecem nervosas. O Scott não presta atenção. Eu preferia qualquer uma dessas coisas ao olhar compassivo e demasiado sábio da Nia.

— Tem sido difícil, mas estou bem. Juro. — Faço o meu melhor sorriso enquanto fecho o cacifo. — Pessoal, não têm de se preocupar comigo. Eu agradeço, a sério. Mas estou bem.

A Beth e a Rachael parecem aliviadas. A Nia franze o sobrolho.

— Ella, sabes que tu podes...

— Tu ouviste-a — interrompe o Scott, enquanto a campanha toca. — Ela está bem. Os chakras dela estão desbloqueados, a aura dela está boa, o Mercúrio dela está retrógrado ou whatever. Vou chegar atrasado a Espanhol.

A Nia fita a silhueta dele que se afasta, mas não insiste. Por uma vez, fico grata pelo Scott ser um bocado otário.

Não acaba com os meus antigos amigos. Cada professor também quer verificar se estou bem.

Tal como o professor Wilkens, eles pegam-me suavemente no cotovelo e, com vozes baixas, perguntam-me como estou. O que esperam que eu lhes diga? O que é que *qualquer um deles* espera que eu lhes diga durante os três minutos entre aulas? Todas as coisas que não fui capaz de dizer aos meus pais ou à série de profissionais de saúde mental nos quatro meses desde que a Hayley partiu? Eu dou-lhes a única resposta que consigo, a única resposta que eles querem ouvir:

— Bem. Eu estou bem.

Por algum milagre, o tempo continua a passar, trazendo-me cada vez mais perto do final do dia. Ainda assim, parece que estou num barco a remos, com os lados de madeira cheios de fugas, em que cada uma delas é uma memória — a secretária agora vazia na terceira aula, a mesa de almoço em que nos sentámos durante três anos, agora tomada por caloiros. O oceano agita-se e eu luto para tapar cada fuga, para manter as águas impetuosas ao largo. As ondas batem e o barco quase se vira, mas consigo manter-me à tona.

Às 15h15, a campainha toca.

Finalmente.

Largo a correr para as portas duplas da entrada quando uma voz me trava.

— Ella Graham! Andava à sua procura. — À porta da sala de artes, a professora Langley, da aula de cerâmica, faz-me sinal. Olho nostalgicamente para as portas duplas no fim do corredor, para o sinal de SAÍDA que pisca e depois caminho até ela.

— Olá, professora Langley — digo, reajustando a mochila com livros ao ombro, cada um dos meus educados instintos sulistas em guerra com o desespero para me ir embora.

— Só te queria dar uma coisa, mas não demora. — Ela põe um dedo no ar e reaparece instantes depois com uma pequena caixa de cartão. De lado, escritas a caneta, estão as palavras

ELLA E HAYLEY. Lá dentro, estão duas canecas de barro feitas à mão. E, sem mais, o pequeno barco a remos que eu consegui manter à tona durante todo o dia começa a afundar-se.

— Achei que poderias querê-las — sussurra a professora Langley, soando quase tão triste como eu me sinto. — Só foram levadas ao forno depois... Bem, guardei-as para ti.

— Hum — digo, pestanejando para a caixa.

Fora ideia da Hayley fazermos canecas uma para a outra. Canecas para o café, quando partilhássemos um quarto na Universidade da Georgia. A Hayley estava tão orgulhosa quando me mostrara o seu design de uma caneca com um *D* elaborado gravado de lado. *D* de... *dentadura*. Quando eu protestara, dizendo que *não* ia beber de uma *caneca para dentaduras*, ela erguera uma mão...

— Espera, ouve. Esta é uma caneca que vais usar a vida toda. Só me estou a preparar para a fase melhor da nossa amizade: quando formos velhas e senis. Imagina quão divertido será. — Os olhos verdes da Hayley tinham brilhado, brincalhões. — Sempre que nos virmos, seremos novas melhores amigas de novo. — Ela encolhera os ombros. — E terás um sítio para guardar a tua dentadura.

As duas canecas tinham saído lindamente.

Quase não me lembro de dizer adeus à professora Langley. Saio da escola numa névoa, incapaz de parar de olhar para baixo, para as canecas que tilintam uma contra a outra na caixa de cartão. Gostava de desviar o olhar. Eu quero, a sério que sim. Quero atirá-las de uma ravina, mas sei que seria como arrancar um órgão e espezinhá-lo. De algum modo, preciso delas para continuar.

Passo a mão pela que a Hayley fez. Tem uma depressão em baixo, que ela se esqueceu de alisar. Espreito mais de perto e vejo pequenas linhas rodopiantes, um padrão.

A impressão digital da Hayley.

Ao longe, registo que existe um mundo ao meu redor. Talvez relva, um céu. Vozes que se erguem, muito distantes.

Mas, neste momento, só me consigo concentrar em pressionar o meu dedo naquela pequena depressão.

Acontece tudo muito depressa.

Num momento, há faróis à minha frente e um autocarro que avança a toda a velocidade. Há gritos, o som de uma buzina como um grande dragão. Com o coração na boca, o meu último pensamento é, *Protege as canecas*, e depois voo para trás.

Não morro.

Embato numa coisa sólida. O meu cérebro pensa, de forma ridícula, numa parede de tijolo, mas esta parede é quente e tem um batimento cardíaco. Alguém me tirou do caminho. Alguém me salvou.

Inclino o queixo para cima e dou por mim a olhar para os olhos esbugalhados e em pânico do Sawyer Hawkins.

— Sawyer! — digo, ofegante, cambaleando para fora do seu abraço, para o olhar de frente. A minha mochila espalhou-se no relvado da escola, mas ainda estou a agarrar a caixa de cartão, com as canecas milagrosamente inteiras.

— Ella. — O Sawyer está a ofegar, com o rosto em choque, uma mão no peito e a outra a puxar as raízes do seu cabelo denso.

Faz algumas respirações para se estabilizar e fecha os olhos. Quando volta a abri-los, ardem de raiva.

— Ella — rosna ele —, mas que *raio* estavas a pensar? Podias ter *morrido*. Tipo, *morrido* literalmente. Se eu não estivesse aqui, se eu não estivesse a ver...? *Christ*.

— Porque é que estavas? — Demoro um minuto a perceber que disse isto em voz alta.

— O quê? — Ele não diz mais nada, confuso.

— A ver-me? Na verdade — engulo em seco —, para quê salvar-me de todo? — Os meus olhos transbordam de lágrimas, horrivelmente. Já não consigo continuar a fingir que estou bem.

A cara do Sawyer perde a cor. A raiva nas suas feições evapora-se e, se for sequer possível, ele parece mais afetado pelas minhas palavras do que pelo meu quase acidente. Humedece os lábios, a boca abre-se, mas nada sai.

Quero ouvir a resposta dele. Um diamante microscópico de esperança embutido no meu estômago implora-me para ficar, para escutar o que ele tem a dizer.

Mas não fico. Não consigo.

Eu sei a resposta. E qualquer coisa simpática que saísse da boca dele seria pena ou um ato de misericórdia que eu não mereço. Viro costas e afasto-me.

Ele não me chama. Aquela pontinha de esperança quer que eu olhe por cima do ombro, só uma vez. Mas não olho.

E faço um voto para nunca mais voltar a falar com o Sawyer.

capítulo 2

ella

No autocarro para casa, pressiono a testa contra a janela suja, revisitando sem parar o momento em que pensei que ia morrer. A investida dos faróis, o cheiro a borracha queimada e gasóleo. Sem tempo para gritar, para pensar em mais nada além das canecas que tilintam neste momento na caixa ao meu colo.

Tiveste tempo para pensar, Hayley?

Conhecendo a Hayley, ela provavelmente teria estalado os nós dos dedos e dito, *Muito bem, vamos lá ver o que vales.*

Continuo sem conseguir compreender como é que ela pode ter partido, enquanto eu ainda aqui estou.

E, ao que parece, o Sawyer também não consegue.

O que teria ele dito, se eu tivesse esperado pela sua resposta? Ter-me-ia dito como se sente *verdadeiramente*?

Eu conheço o Sawyer. Ele não é nenhum monstro. É claro que ele ia dizer, *Sim, por acaso, Ella, fico bastante feliz que não te tenhas tornado um borão de carne na estrada, diante dos meus olhos.* Mesmo que bem no fundo ele pense que devia ter sido eu.

A verdade é que quase fui eu. Ou pelo menos foi isso que me disseram no hospital, onde acordei com as costelas

fraturadas, um traumatismo craniano e sem nenhuma memória das 24 horas anteriores.

— É uma reação ao trauma — tinham dito os médicos. — É normal.

Como se houvesse alguma coisa normal nisto. Disseram que eu poderia recuperar as minhas memórias, mas até agora... nada. E tendo em conta o que os polícias me contaram, não sei se as quero de volta.

Aconteceu depois de uma festa em casa do Scott na primavera passada, apenas semanas antes do final do 11.º ano. As testemunhas disseram que me tinham visto a beber uma cerveja, e depois a escoltar uma Hayley bêbeda e transtornada até ao carro, antes de me pôr ao volante. Estávamos a ir para casa quando bati com o meu carro contra os railes de proteção, mesmo antes da Ponte do Rio Silver. Encontraram-me no lugar do condutor, encostada a uma rocha, na margem inclinada acima das águas agitadas do rio.

E não encontraram a Hayley de todo.

Tudo o que restava era um buraco estilhaçado no para-brisas, através do qual ela fora projetada do carro, o seu sangue no vidro partido. Ela não estava a usar o cinto de segurança e disseram-me que, se o impacto não a tivesse matado, certamente que o rio o faria. Famoso pela sua corrente forte, pedras pontiagudas e quedas abruptas — não existe uma alma em Cedarbrook que não saiba como essas águas são traiçoeiras.

Tão traiçoeiras que, na verdade, eles nem sequer conseguiram recuperar o corpo dela. Tentaram, claro, mas com a força da corrente não havia como saber onde ela fora parar e até os melhores mergulhadores hesitavam entrar no rio. Depois de uma semana infrutífera e de um dos membros da equipa de resgate quase perder a vida, cancelaram as buscas.

A Hayley partira e a culpa era toda minha. Fora eu quem bebera aquela cerveja. Eu quem conduzira. Eu quem a tinha matado.

O autocarro para com um gemido e estamos finalmente no meu bairro.

Quando piso a rampa de acesso a minha casa, o sol da tarde está dourado e lança longas sombras sobre o relvado. Mesmo à luz que esmorece, a humidade é sufocante.

A casa está silenciosa quando entro. Há um ano, a mãe já estaria em cima de mim, junto à porta. *Vamos ver o teu plano de estudos, já tens o horário das aulas de nataçãõ?, a professora Prescott recebeu o meu e-mail?* A minha irmã mais nova, Jess, teria revirado os olhos para mim em solidariedade e, não muito depois, o pai teria chegado a casa do trabalho, salvando-me com uma piada fácil que faria a mãe dar-lhe uma pancadinha no braço, rindo-se mesmo sem querer.

Metade do tempo, a Hayley estaria comigo, e nesse caso a mãe teria feito um alarido à volta dela, intensa como uma mãe galinha com o seu pintainho, sem se importar que ela fosse de uma ninhada diferente. A Hayley adorava isso. Mesmo quando a mãe a repreendia por ter 14.

Ouçõ um miado aos meus pés, onde uma pequena gata cinzenta se roça contra a minha perna. Pisca os olhos verdes para mim e mia de novo.

— Onde está a tua coleira, Midna? Estás outra vez despi-da. — Equilibro a caixa com as canecas numa anca e dobro-me para a trazer para cima com um braço. Ronrona quando eu ponho a cara contra o pelo dela, enquanto a levo para o meu quarto no andar de cima. Abro a porta com o ombro, a Midna salta do meu braço para se enrolar na minha secretária e as canecas tilintam com o movimento. Com um aperto no coração, pouso a caixa no chão, faço-a deslizar para baixo da cama.

É nesse momento que reparo naquilo em que a Midna está a dar patadas, sobre a minha secretária. Pego num exemplar, com os cantos de algumas páginas dobrados, de *The Coven's Secrets*, o segundo livro da coleção *Realms of Wonder*. Uma das minhas favoritas.

— Ainda não leste, pois não? — A Jess está encostada à ombreira da porta, com a sua sombra verde para os olhos e lip gloss escuro que salienta as suas feições impressionantes, sem dúvida uma cortesia da sua melhor amiga, Kelly, que já é uma guru de beleza aos 14 anos. Contenho a pontada de inveja perante a imagem dos risinhos da Kelly, enquanto ela passa um pincel sobre as pálpebras da minha irmã.

Pigarreio.

— Nem sabia que já tinha saído — sussurro. Com tudo o que tem acontecido, esqueci-me completamente disso. Algo que tinha marcado no meu calendário há um ano, e pelo qual esperava ansiosamente. Não me lembro da última vez em que pensei sequer em pegar num livro.

— Não vou fazer spoilers, mas é bom. — A Jess encolhe um ombro. — Achei que podia ser uma boa distração.

— Obrigada — digo, genuinamente comovida. Essa única palavra é tudo o que consigo dizer agora, mas espero que ela saiba o quanto é sentida.

A Jess acena com a cabeça.

— Além disso — Ela levanta uma mão com uma coleira roxa gasta a balançar nos seus dedos, o guizo a retinir —, estava no vaso da monstera da mãe. As folhas estão outra vez esmagadas. Ela não vai ficar feliz.

— Meninas? — A voz da minha mãe segue-se ao som da porta das traseiras a abrir-se e a fechar-se, enquanto eu prendo a coleira de volta a uma Midna que se contorce. Quando a mãe aparece à entrada, a Midna já fugiu a trote (provavelmente para

ir dormir novamente nas plantas da mãe). Ela esteve a fazer jardinagem. A sua testa brilha com suor e cheira a sol. Mas a sua blusa cor de pêssigo continua imaculada e as unhas limpas.

A minha mãe perfeita. Aqui de pé, sinto-a intensamente: a diferença entre quem sou hoje e quem fui — a sua filha perfeita.

E pelo modo como os olhos escuros dela fitam os meus, parece que ela também o sente. Mas aquela mágoa? Aquela desilusão? Sim, eu mereço-as.

Depois de um segundo de silêncio desconfortável, a Jess aclara a garganta.

Isso parece tirar a mãe do transe.

— Podem descer as duas para me ajudarem com o jantar? O pai vai chegar daqui a nada.

Na cozinha, a mãe tira batatas da despensa e passa-as à Jess, enquanto eu vou para o lava-louça lavar os pratos.

— Então — diz a mãe, olhando para mim —, como correu hoje?

A pergunta que eu temia. E não faço ideia de como responder. Felizmente, não tenho de o fazer.

— Bem — responde a Jess. — Todos disseram que o 10.º ano é muito mais difícil, mas acho que era apenas uma tática para afugentar. E a Kelly está em duas das minhas aulas. Na verdade...

Eu lanço uma prece silenciosa de agradecimento à Jess, enquanto ela tagarela e corta as batatas. Pego numa esponja e começo a esfregar. Mas a Jess termina demasiado depressa e os olhos da mãe viram-se para mim. A porta da frente abre-se e sou novamente salva.

— Olá, cheguei — chama o pai.

Ele entra com passadas largas na cozinha, com os braços abertos e a barba escura estendendo-se num sorriso.

— Aqui estão as minhas lindas mulheres! — Ele abraça a Jess, beija a mãe na cabeça e vira-se para mim, com os olhos cor de avelã suavizando-se. — Como estás, miúda?

— Hum — digo e mordo o lábio, e o tom delicado da voz dele quase me traz as lágrimas aos olhos.

— Falaste com a treinadora Carter hoje? — A mãe junta-se a mim no lava-louça, para enxaguar a panela de arroz para o jantar.

Eu fecho os olhos. A treinadora Carter, a treinadora de natação. Tivera esperança de evitar esta conversa pelo menos durante mais uma semana. Brinco com a ideia de mentir, mas sinceramente? Não tenho energia para isso.

— Não.

A Jess para de cortar e o pai mexe-se desconfortavelmente ao meu lado.

— Ela faltou por estar doente? — A mão da minha mãe gira na panela do arroz, deixando a água num branco leitoso.

— Mãe — digo, evitando o olhar dela —, não falei com a treinadora Carter porque não vou voltar à equipa de natação.

A mão dela para. Os ombros ficam tensos. Carrega rigidamente a panela pesada até à arroseira, com os nossos três pares de olhos a segui-la. Estamos os três à espera da sua retaliação feroz.

Mas, para meu choque, ela só diz:

— Mas tu adoras nadar. — Ela mantém-se de costas para nós, continuando num tom invulgarmente comedido. — Desde que eras pequena. Quebraste o recorde da escola no ano passado. — Quando se vira para mim, fico espantada com a dor que vejo no seu rosto, com o medo. — E o teu futuro, Ella? A treinadora Carter disse no ano passado que os olheiros de todas as melhores escolas já lhe tinham mandado e-mails. Pensa nisso, Ella. Pensa no...

Mas o pai põe uma mão no ombro da mãe.

— É só o primeiro dia, Michelle — murmura ele.

Durante um instante, algo familiar e acutilante brilha nos olhos castanhos-escuros da minha mãe. Todos o sentimos e a Jess e o pai ficam tensos. Mas passado um instante desaparece. Desalentada, a mãe faz um único aceno com a cabeça antes de se virar de novo para a arroeira em silêncio.

A Jess volta a cortar batatas com os lábios contraídos e o pai dá um beijinho na minha cabeça.

— Volto já. Tenho de tirar estas roupas desconfortáveis. — Ele dá um puxão na gravata com uma cara tonta pouco convincente, tentando aligeirar os ânimos. Só funciona um bocadinho. Lança-me um sorriso triste e vai para o andar de cima.

Eu pestanejo para a minha mãe, sem acreditar.

A minha mãe descende uma de linha de mulheres guerreiras ferozes que empunhavam machetes. Costuma contar a história de como a sua *lola* («avó» em tagalo, por isso, a avó da minha mãe) arrastara a *minha lola* e os irmãos para os campos de cana-de-açúcar para se esconderem das tropas inimigas nas Filipinas durante a Segunda Guerra Mundial. A minha *lola* ainda tem estilhaços de balas no pé esquerdo.

Fico feliz porque a minha mãe nunca teve de testar os seus golpes de guerrilha, mas esta é, sem nenhuma dúvida, uma mulher que teria feito um soldado chorar. É uma mulher que não teve demasiado medo de deixar todos os seus amigos e família para trás para construir uma vida a partir do zero numa terra estranha.

Uma mulher que está neste momento encolhida na nossa cozinha, com os ombros curvados enquanto engole as suas palavras.

E fui eu que lhe fiz isto. Fiz isto a todos nós. Por um momento louco, daria tudo para ouvir a cadência estridente de

um sermão típico da mãe. Para ouvir a sua voz subir de tom por causa de um 18 num teste de História Mundial. Porque isso significaria que, além de tudo o resto que eu fiz, não tinha quebrado esta família.

Que não tinha quebrado a minha mãe inquebrável.

Sem palavras, a Jess acaba de cortar as batatas e vai lá acima mudar de roupa. Eu continuo a terminar de lavar os pratos, e o silêncio estende-se entre mim e a minha mãe, até ela dizer:

— A mãe da Hayley ligou mais cedo.

Deixo cair o prato que tenho nas mãos na bancada, onde se estilhaça com um estrondo. A mãe franze o sobrolho para o prato partido, mas não diz nada, não há nenhuma advertência para ter cuidado.

— O que é que ela queria? — Com os dedos a tremer, tiro os cacos de cerâmica do lava-louça, o meu coração a bater irregularmente na garganta.

— Tens de ir lá na sexta-feira, depois das aulas. Ela quer a tua ajuda. — A mãe suspira. — Ela parecia *péssima*.

As náuseas sobem por mim, repentinas e implacáveis.

— Mãe, o que é que eu podia... Como é que eu a posso ajudar?

— Ela quer que tu embales as coisas do quarto da Hayley. — Não me apercebo que cerrei o punho, até sentir uma dor aguda. Quando olho para baixo, para os cacos na minha mão, tenho a palma cheia de sangue.

— Mãe — digo quase sem voz —, por favor, não me obri-gues a fazer isso. Por favor.

Eu volto para a equipa de nataçãõ, quero dizer-lhe. Eu vou para qualquer escola que tu queiras, mas por favor não me mandes para o covil das memórias da minha melhor amiga morta.

A mãe vira-se do fogão para me encarar. Fico surpreendida ao ver o laivo de arrependimento nos olhos dela.

— Ela disse-me que nem sequer consegue entrar no quarto da Hayley, Ella. — Os seus lábios contraem-se. — Ela está completamente sozinha naquela casa agora. Não tem mais ninguém. E mais ninguém conhecia a Hayley como tu. Tu sabes o que ela teria querido fazer com as suas coisas.

Eu não consigo respirar. Quero gritar, *Como raio haveria de saber o que a Hayley queria? Nenhuma rapariga de 17 anos discute a própria morte e faz planos para ela.*

— Não consigo — digo.

A mãe lança-me um olhar triste.

— Eu sei que não queres, Ella. Lamento. Mas não tens escolha.

Ela abre a tampa da arroseira e o cheiro do arroz cozido a vapor, normalmente tão bom, dá-me voltas ao estômago.

— Sexta-feira à tarde. Vai lá a seguir às aulas. Ela vai estar à tua espera.

ELLA estava ao volante no acidente de carro que matou a sua melhor amiga, **HAYLEY**.

Tudo a relembra dela, especialmente **SAWYER**, o namorado de **HAYLEY**.

Os dois aproximam-se cada vez mais e **ELLA** percebe algo terrível...

Está apaixonada pelo namorado da sua melhor amiga morta.

Traumatizada e consumida pela culpa, começa a ler o diário de **HAYLEY**.

É então que descobre que a relação de **SAWYER** e **HAYLEY** não era tão perfeita como parecia.

ELLA sabe que deve afastar-se dele, mas sente-se inexplicavelmente atraída.

E aterrorizada com o que **SAWYER** parece esconder.



Um thriller romântico dark e viciante, onde os trigger warnings são para ser levados muito a sério.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretstocietypt
#seekthebutterfly

ISBN 9789897872198



9 789897 872198 >

